o analista como desejo e discurso

Bárbara Maria Brandão Guatimosim

Cabe formular uma ética que integre as conquistas freudianas sobre o desejo: para colocar em seu vértice a questão do desejo do analista.

Lacan, A direção do tratamento

Desejos diferentes movem os discursos. O discurso analítico, que desejo o anima?

Mesmo que faça parte dos nossos sonhos, de que mestres envergonhados devolvam o saber ao escravo,[1] seria ainda o desejo de ficar livre da vergonha (desavergonhar-se) o movimento de retornar ao suposto legítimo proprietário um saber que supostamente se deteria inapropriadamente. A subversão em psicanálise não poderia ser aquela de um altruísmo benevolente que almeja a revolução numa acrobacia piramidal, colocando na posição de dominância os explorados. O desejo do analista almeja a diferença de um desejo singular e não tem nada a devolver ou a autorizar oficialmente. O desejo do analista parte de um outro ponto, diferente do atendimento das demandas de reconhecimento ou propriedade. Parte-se no analítico do que para o outro não se pode desejar, educar, governar e nem mesmo analisar. O analista fica frente a, de cara com o impossível diante do pedido: "analise-me" (uma espécie de "aprenda-me" gramaticalmente impossível), mesmo se se é suposto nem tudo saber, mas ter meios para bem conduzir uma análise até o fim ou saber ler o hieróglifo que o demandante reclama a decifração. São por *suposições* que o texto sai do silêncio ou do barulho do sintoma e passa a se escrever, sendo este o próprio paradoxo que o analista deve suportar sem acreditar na hipótese que banca. Porque é a causa, coisa esvaziada, que instaura o lugar de onde o analista opera e não o SSS a realizar para o demandante seja lá o que for. Do nosso pote vazio de mostarda[2] servimo-nos da causa e o tempero que isso fornece é de uma vergonha mais radical, onde o real está concernido — o que permite ao sujeito que queira analisar-se seu lugar pela *literação* (ação letra) de sua diferença. O desejo do analista não se verifica suficientemente somente no postar-se

[1] Jacques Lacan. *O seminário. Livro VII: o avesso da psicanálise*, p.180.

[2] Jacques Lacan. *O seminário. Livro VII: o avesso da psicanálise*, p.174.

em guarda no lugar da causa no discurso analítico (lembramos, discurso não oficial, mas oficiante.)[3]

O analista, no exercício estrábico do seu discurso, do lugar escavado, tem um olho no que a fala do sujeito traz como sua verdade (S2) e no que se espera (porque se espera, nos dois sentidos) ser produzido no final como traço minimal dessa verdade (S1), ao lado da queda do objeto causa que se desprende das Suposições e da pessoa do analista. É essa verdade que, ao chegar insabida, analisante, que, demandando saber, produz o lugar do analista; e quando aí depara com o desejo analítico pode instaurar o valor de um encontro ao convocar o sujeito em seu desejo a dizer a que veio. É essa a luta que está em jogo na análise e mesmo nossa guerra: a peleja para que o dizer aconteça e, mais que o dizer, o bem dizer no desejo. Sendo portanto a análise um encontro de risco, ele pode ou não acontecer. Mas quando acontece é preciso esperar.

[3] Jacques Lacan. *O seminário. Livro XX: mais, ainda*, p.40.

a função da espera

Quando Lacan trata "A angústia na sua relação com o desejo",[4] ele anuncia que vai dar um salto. "O salto consiste em designar aqui para vocês aquilo que lhes anuncio há muito tempo como o lugar em que se mantém, realmente, o analista. Isso não quer dizer que ele o ocupe o tempo todo, mas esse é o lugar onde ele espera (*erwartung*)." Aqui surge no sujeito o desconforto ligado ao sinal de angústia. Isto pode se produzir em um lugar ocupado por i(a), o eu enquanto imagem do outro, especular, o eu em sua função básica de desconhecimento. A relação espaço-temporal deste momento pode se articular na seguinte conclusão: "apresso-me em me ver semelhante a ele, senão, onde irei estar?". Lacan, que diz saber o que esperar significa, retorna esclarecendo, como faz tantas vezes, aos seus enunciados:

[4] Jacques Lacan. *O seminário. Livro VIII: a transferência*, p.350.

> a *pressologia* (...), tratei dela num pequeno sofisma, o do problema dos três prisioneiros —poderão ver que ali sou mais prudente e que, se não vou até o fim da fórmula é por alguma razão. A função da pressa, a saber, essa maneira por que o homem se precipita em sua semelhança ao homem, não é a angústia. Para que a angústia se constitua, é preciso que haja relação com o nível do desejo.[5]

[5] Jacques Lacan. *O seminário. Livro VIII: a transferência*, p.351.

Mas se a angústia dá o sinal no nível do eu, é por perturbar essa imagem ideal onde se verifica a presença de *a*, objeto do desejo e, na vertente de sua causa, objeto perigoso, separador, "a recalcar", lugar que o analista ocupa e do qual se espera a sinalização, o alarme para fugir. (Lacan não diferencia o perigo

externo do perigo interno, como faz Freud, porque se trata aqui do mesmo perigo, do objeto real.) Para Lacan é aí que entra a fecunda frustração (*versagund*) da análise. Que o analista recuse ao sujeito sua angústia, a dele analista, e deixe nu o lugar onde é convocado como alter-eu a dar o sinal de angústia. Este seria para o analista o lugar do "puro desejante"; diferente de um desejo puro e de altruísmos que tentam salvar o sujeito da emergência do objeto. Lacan amarra suas observações com uma fórmula: "se a angústia é o que lhes disse, uma relação de sustentação do desejo, pois o objeto falta, invertendo os termos, o desejo é um remédio para a angústia."[6]

[6] Jacques Lacan. *O seminário. Livro VIII: a transferência*, p.357.

Fugir era, para Napoleão, a verdadeira solução corajosa quando se tratava do amor. Muito de acordo com a observação de Lacan que o homem prefere guerrear com mil inimigos a ter que enfrentar uma mulher (ou o objeto que causa seu desejo). Podemos dizer quanto ao que toca ao analista, que sua noção de coragem é bem diferente da de Napoleão. Além de não fugirmos (pois não é o caso de fugir, mas de avançar e nem sempre em linha reta, pois o progresso em análise anda por caminhos curvos e muitas vezes tortuosos), apostamos que esse objeto, surgido na transferência, sustenta um trabalho de análise e que vale a pena ver até onde vai o percurso para aquele que se engajou a dar tratos a isso e levá-lo adiante. Não apenas o desejo, mas uma "certa relação com o desejo", é isto que se trata de conseguir sustentar, e nem sempre em curto prazo.

Não se trata apenas de sair da prisão no apólogo dos três prisioneiros, mas para cada um, de fazer o mesmo balé nodal onde três dimensões estão envolvidas, em um tempo topológico. O tempo segundo de compreender só ganha espaço e sentido se temos o intervalo entre os tempos previstos, o primeiro de ver e o terceiro de concluir.[7] A função da urgência no jogo parte da proposta inicial da concorrência recíproca entre os três, da qual só um sairá liberto. A angústia que aflora aqui é o "medo de que a demora gere o erro",[8] vinda de uma lógica excludente, do "salve-se quem puder" de uma seleção "natural", onde a pressa urgente, é claro, tem sua função. Curiosamente, na conclusão, no apólogo, saem os três simultaneamente, deixando o pobre diretor da prisão, por sua vez, com um problema topológico — não tem mais três prisioneiros, mas um nó borromeano, onde um não vai sem o outro. Se o sujeito se constitui inicialmente nas reflexões dos sinais que lhe dão os outros (relação eu-eu), é somente em seu ato solitário que ele sabe algo de si. E não é à toa que as indicações dos outros, no sofisma de Lacan, são suspensões a partir de um não saber

[7] Jacques Lacan. *Seminário Les non dupes errent*. 09 de abril de 1974.

[8] Jacques Lacan. O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada, p.207.

que, ao revelar uma situação equivalente para todos (brancos e barrados em suas verdades), dá a cada um o poder saber de uma certeza: de que entre brancos e o preto — exceção lógica que entra no cálculo — o sujeito em corte só se libertará no ato causado que aposta e conta com a castração e com a marca de sua alienação constitutiva: *Esse um* (*essaim*) é que sai da prisão.

Aqui é possível sair do cálculo narcísico individual, competitivo e excludente e entrar numa lógica coletiva onde o sujeito em sua divisão está implicado, na impossibilidade de que o *cada um* torne-se um bando. Mais interessante, a contingência possível de um "bando-de-*moebius*."

não apenas o desejo

Ao final, o sujeito se sustenta na despossessão, de uma parte do pouco de ser que o marca (S1) e de outra do objeto (*a*) que, de gozo, advém causa de seu desejo. Se na entrada este significante assemântico está encoberto, é preciso, na análise, que a dimensão do objeto causa, dimensão terceira, dando lugar para a diferença uniana do sujeito, esteja, pela presença do analista, concernida desde a demanda, para que o fantasma se construa e o desejo avance, desviando e conduzindo a pulsão diferentemente das fixações imperativas de gozo, seja na consumação urgente, no compromisso insatisfatório ou na postergação infinita. Na análise, o que se trata de libertar é o desejo, que, por ser indestrutível, tanto é mais fixável. "É o desejo, que por estar preso no processo do recalque, se conserva em uma permanência que equivale à indestrutibilidade."[9]

do não-analista[10]

Nem SSS, nem sendo analista, mas como causa de desejo, convocando um "mestre estouvado",[11] outro nome do inconsciente, que é dada a palavra ao analisante. Que a análise seja pelo analista conduzida, isso não o autoriza saber sobre o caso, muito menos elucidá-lo em biopsia. Como aponta Lacan,[12] não se trata de explicar por que sua filha é muda, em sua apreciada referência a Molière, mas de fazê-la falar. E fazê-la falar na análise, bem como fazer falar o caso, cada um em particular, é uma direção diferente para o trabalho de colheita do ensino dos casos clínicos que, penso, ao serem escutados assim desde o começo, podem tomar a vertente do passe, dando ao sujeito analisante o poder saber do incurável que se decanta e que por uma escritura, superfície que emerge no tempo de concluir, algo do seu intransferível, possa transmitir-se. Que a

[9] Jacques Lacan. Senhor A, p.55.

[10] No sentido que usa Lacan no Discurso à E.F.P.: (...) Mas tomando o termo de analista no sentido em que a um ou outro se possa acusar de não corresponder em razão de um condicionamento pouco compreensível senão de uma padronização profissional, o não-analista não implica o não-analisado. p.33.

[11] Jacques Lacan. *O seminário. Livro VII: o avesso da psicanálise*, p.35.

[12] Jacques Lacan. *O seminário. Livro XI: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, p.18.

função analisante no movimento de torção passe a bola para a função de analista¥analisante em contínua descontinuidade moebiana, é uma passagem lógica que se impõe. (O "tornar-se" não se faz em um "querer" nem em um "nomear". Daí para não cairmos no ridículo ou no catastrófico do "nomear para" analista,[13] seria concebível um nomear porque, há do analista: Verificação. E se é por aí, vale esclarecer na pergunta: nomear então, para quê? Qual a função dos títulos? — É preciso que na Escola em debate o já estabelecido não seja visto como necessário, inevitável e indiscutível, mas que seja, em suas bases, revisável. Assim o exercício crítico não seria reinventar a roda, mas repensar a locomoção.)

[13] Jacques Lacan. *Seminário Les non dupes errent.* 09 de abril de 1974.

É deste torneamento que o desejo do analista advém no consentimento de fazer operar a causa, desejo que atravessa o impossível de que seja um "eu que analiso"; convencido da perda assegurada da possibilidade de ser analista. A condição de fazer-se de causa de desejo se apoia numa função lógica, impossível de substancializar-se. Falando dos limites, também não podemos dizer que a interpretação esteja aberta a todo e qualquer sentido.[14] Isto nos impede ainda de conduzir, de antemão, as falas em qualquer direção, porque isso seria uma articulação louca de significantes que desmente o real em torno do qual orbitam os significantes vindos do sujeito, desconsidera o padecimento real e operante na cadeia significante ofertada, de onde fazemos, não sem cuidados, as citações e equivocações na interpretação.

[14] Jacques Lacan. *O seminário. Livro XI: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, p.236-7.

Na forma mestrada só teremos psicanálise aplicada ou uma hermenêutica que prescinde do dizer do sujeito analisante, dispensado de sua tarefa.

É o erro homérico de Freud que continua pelos séculos nos ensinando das conseqüências de ser sabedor dos sexos e de seus gozos, professor do homem e da mulher, quando insistiu que sabia do desejo de Dora. São relatos de casos que acabam se transformando mais no caso daquele que relata.[15] Entretanto é esse tipo de "erro" que deteve Freud na pergunta: "O que quer a mulher?" e nas suas questões e investigações posteriores sobre a feminilidade. Felizes são os equívocos que nos deixam perguntas.

[15] S. Cottet. *Freud e o desejo do psicanalista*, p.55

A saída da análise não pode coincidir com uma entrada alienada em um "é o outro que sabe de mim", pois, em sendo assim, é todo o processo que está em questão.

Então, ainda, nenhuma paixão de saber na função analítica, e sim, do saber, fingir que se esqueceu e ficar "numa região incerta, vagamente em busca de ficar sintonizado, de

ficar-por-dentro";[16] deixar-se ficar por dentro de um certo saber, mesmo se quando teorizamos, como sujeitos, nos permitimos ficar mais apaixonados. Pois "é indispensável que o analista seja ao menos dois. O analista para ter efeitos e o analista que esses efeitos teorizam".[17]

[16] Jacques Lacan. *O seminário. Livro VII: o avesso da psicanálise*, p.128.

desejo de diferença

Na civilização, saberes e práticas reclamam-se todo tipo de diferenças: raciais, genéticas, entre línguas e cores; mas é a psicanálise que se importa com esta diferença do traço único que separa cada sujeito dos traçados ideais e da distinta causa de seu desejo, que faz o sujeito fundado *pelo*, mas perdido *para*, o desejo do Outro. A psicanálise, ao contrário de muitos movimentos que militam em *slogans* pela não discriminação, busca a *discriminação* do sujeito, o que o separa, real intransitivo do nome próprio que só se transmite na modulação das letras no estilo; sabendo que a uniformidade, a indiscriminação favorece a emergência das mais diversas formas de segregação, que, à maneira de uma reconstrução delirante, tentam resgatar o particular rechaçado na mesmice. O que a análise introduz no mundo é uma tolerância lógica, porque se se deseja a diferença, esta não pode existir sem outras.

[17] Jacques Lacan. *Seminário R.S.I.* 10 de dezembro de 1974.

Freud dizia que o que movia os analistas era o amor à verdade. A partir de Lacan, pode-se dizer que o analista é movido pelo amor ao real? Talvez fosse essa uma leitura possível do enigmático "Amor sem limites".[18] Um amor um tanto absurdo, porque se num momento o amor é narcísico, aquele, do inapreensível do real, não espera nenhuma reciprocidade. Pois é amor que visa aquilo que sendo de uma *outridade* radical, não podemos nele nos espelhar, nem com ele nos completar. Mas por ser amor de diferença absoluta, quer o novo, o mais e menos de gozo, o desejo sem igual, que traz cada um.

[18] Jacques Lacan. *O seminário. Livro XI: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, p.260.

Tão distante dos elos *amodiosamente* transferenciais, isso faz laço? Por que não?

referências bibliográficas

COTTET, S. *Freud e o desejo do psicanalista.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989.

LACAN, Jacques.

LACAN, Jacques. O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada. In: *Escritos.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

LACAN, Jacques. A direção do tratamento e os princípios de seu poder. In: *Escritos.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

LACAN, Jacques. *O seminário. Livro VIII: a transferência.* Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1992.

LACAN, Jacques. *O Seminário. Livro XI: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1979.

LACAN, Jacques. Discurso à E.F.P. In: *Revista Letra Freudiana.* Documentos para uma Escola II, ano XIV, n. 0.

LACAN, Jacques. *O seminário. Livro VII: o avesso da psicanálise.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

LACAN, Jacques. *O seminário. Livro XX: mais, ainda.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1982.

LACAN, Jacques. *Seminário XXI: les non dupes errent.* Inédito.

LACAN, Jacques. *Seminário XXII: R.S.I.* Inédito

LACAN, Jacques. Senhor A. In: *Revista Letra Freudiana.* Documentos para uma Escola, ano I, n. 0.

RABINOVICH, S. D. *O desejo do psicanalista.* Liberdade e determinação em psicanálise. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000.